



Centro Universitário de Brasília
ICPD – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento
CESAPE – Centro de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão

RAQUEL PINTO MESSIAS

NAS ENTRELINHAS DO PODER
RECURSOS ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO POLÍTICO

Brasília - DF
2006

RAQUEL PINTO MESSIAS

NAS ENTRELINHAS DO PODER
RECURSOS ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO POLÍTICO

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB-ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua
Portuguesa – Texto e Discurso.

Orientadora: Professora Maria Christina
Diniz Leal.

Brasília - DF
2006

Agradecimento

Aos meus pais e irmãos, sempre amigos, prestativos e solidários. À Quésia, cujo apoio e incentivo foram fundamentais para que eu concluísse esta etapa dos meus estudos. E à Profª. Maria Christina, pela dedicação, seriedade e compromisso com o crescimento e a descoberta do aluno.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar como é construída a argumentação no discurso político, identificar os modos de funcionamento da ideologia e interpretar os aspectos expressivos e comunicativos, em especial a intertextualidade. São fundamentos teóricos desta pesquisa a concepção dialógica da linguagem e da língua como fenômeno social de Bakhtin (1929-1930); a Teoria Social do Discurso e a Análise de Discurso Crítica formuladas por Norman Fairclough (2001) e por Chouliaraki & Fairclough (1999); a teoria sobre ideologia de J.B. Thompson (1995); e os estudos sobre argumentação de I. Koch (2004). Constitui-se *corpus* deste trabalho discurso político proferido no Senado Federal pelo Senador Demóstenes Torres, que critica o então Presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti. Para a realização desta análise, utilizou-se o arcabouço para a Análise de Discurso Crítica proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) e as categorias analíticas dos recursos argumentativos e retóricos propostas por Koch (2004). Concluiu-se que os recursos lingüísticos utilizados no discurso avaliam negativamente e desqualificam intelectual e moralmente Severino Cavalcanti, por meio do funcionamento da ideologia. De relevância é o papel da intertextualidade para construir essa desqualificação e corroborar a ideologia presente não só no Congresso Nacional, mas na sociedade brasileira, que fragmenta e expurga os menos instruídos, os pouco articulados, que têm menos voz, poder e prestígio.

Palavras-chave:

Análise de Discurso Crítica, argumentação, ideologia, intertextualidade.

ABSTRACT

The aim of the present study is to analyze how argumentation in political discourse is constructed, as well as to identify the ways in which ideology operates. The aim is also to interpret expressive and communicative aspects, especially intertextuality in political discourses. The theoretical basis of research are Bakhtin's dialogic language conception and language as a social phenomenon (1929-1930); Discourse Social Theory and Critical Discourse Analysis conceived by Norman Fairclough (2001) and Chouliaraki & Fairclough (1999); J. B. Thompson's ideology theory (1995); and I. Koch 's argumentation studies (2004). The *corpus* of this paper is Senator Demóstenes Torres' political speech pronounced at Senado Federal criticizing Severino Cavalcanti, Deputy Chamber President of that time. The framework for Critical Discourse Analysis proposed by Chouliaraki and Fairclough (1999) was used as well as analytical categories of Koch's (2004) rhetorical and argumentative resources. The conclusions were that the linguistic functions resources used in discourse evaluate Severino Cavalcanti in a negative way and disqualify him both intellectually and morally through the ideology's function. The role of intertextuality is relevant in building this disqualification, as well as in confirming not only the ideology which is present in the National Congress, but also in Brazilian society as a whole. This ideology fragments and expurgates the less educated and less articulated people, and those who have less influence, power and prestige.

Key-words:

Critical Discourse Analysis, argumentation, ideology, intertextuality.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Introdução..... | 7 |
| Desenvolvimento..... | 12 |
| Capítulo 1 – Pressupostos teóricos..... | 12 |
| Capítulo 2 – Metodologia..... | 19 |
| Capítulo 3 – Análise de Discurso Crítica..... | 21 |
| 3.1 – Análise da conjuntura..... | 21 |
| 3.2 – Análise do discurso..... | 22 |
| 3.2.1 – Recursos argumentativos para desqualificar Severino Cavalcanti...22 | |
| 3.2.1.1 – Índices avaliativos..... | 23 |
| 3.2.1.1.a – Léxico e orações de julgamento..... | 23 |
| 3.2.1.1.b – Modalizadores e operadores argumentativos..... | 27 |
| 3.2.1.1.c – Inter-relacionamento de campos lexicais..... | 28 |
| 3.2.1.1.d – Metáforas – simbologia..... | 33 |
| 3.2.1.2 – Ironia..... | 35 |
| Capítulo 4 – Intertextualidade e ideologia | 37 |
| 4.1 – Aspectos teóricos da intertextualidade e da hegemonia..... | 37 |
| 4.2 – Análise da intertextualidade e da ideologia no discurso..... | 40 |
| Capítulo 5 – Análise das funções identitária, relacional e ideacional e da prática de que o discurso é um momento..... | 46 |
| Conclusão..... | 49 |
| Bibliografia..... | 52 |

Anexo I.....54

INTRODUÇÃO

O ano de 2005 foi um período de enormes turbulências políticas em nosso país. Diariamente foram veiculadas na mídia denúncias de envolvimento de vários parlamentares em corrupção. A crise atingiu praticamente todos os partidos políticos.

Três Comissões Parlamentares de Inquérito foram instauradas com o intuito de investigar as várias faces da crise e a origem dos recursos distribuídos para parlamentares.

Em meio à crise política e à sucessão de escândalos, o então Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Severino Cavalcanti (PP-PE), declarou, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo publicada em 30 de agosto de 2005, ser sua posição pessoal (e não a de presidente daquela Casa) a defesa de pena mais branda, alternativa à cassação de mandato, para deputados que comprovassem o uso de recursos do esquema do publicitário Marcos Valério de Souza no pagamento de dívidas de campanhas eleitorais, mesmo aqueles vindos comprovadamente de caixa dois.

Em resposta a essa declaração feita por Severino Cavalcanti, o Senador Demóstenes Torres (PFL/GO) veio à tribuna do Senado Federal e pronunciou discurso (objeto de estudo deste trabalho), no qual manifestou sua total desaprovação à atitude e à afirmação do então Presidente da Câmara dos Deputados, a quem desqualificou pesadamente, bem como reforçou a opinião de que não havia como se questionar o caminho da cassação do mandato de todos os parlamentares beneficiados com o esquema de corrupção.

Em vários meses de crise, até o momento é este o saldo do escândalo que ficou conhecido como “Escândalo do Mensalão”: três deputados foram cassados, onze foram absolvidos e quatro renunciaram.

Em 21 de setembro de 2005, Severino Cavalcanti, após ser acusado de ter cobrado propina de empresário para renovação de concessão de restaurante na Câmara dos Deputados, renuncia ao mandato de deputado federal e ao cargo de presidente daquela casa a fim de evitar uma cassação que ocasionaria a suspensão de seus direitos políticos por vários anos.

Há oito anos trabalho em uma casa legislativa, onde venho lidando cotidianamente com a revisão de discursos proferidos por parlamentares.

Embora eu tenha um razoável domínio da Língua Portuguesa e tenha o hábito de leitura, nunca havia atentado para o que poderia estar subjacente a textos que, não raro, geram em mim, como leitora, diversas emoções, sentimentos e sensações, sejam eles de alegria, concordância, cumplicidade, sejam eles de tristeza, melancolia, raiva, revolta, indignação, desprezo... O que estaria por trás das palavras que eu poderia reputar como causador de toda essa diversidade de sentimentos?

Foi quando despertei para o estudo de áreas como a Lingüística Textual e a Análise de Discurso Crítica. A primeira abriu minha visão no que diz respeito a mecanismos interfrásticos, a encadeamentos entre enunciados, a léxico escolhido e a tudo que faz com que haja coerência em um texto. A segunda aumentou minha percepção quanto à importância de se analisar em que condições e em que conjuntura um texto é produzido, quem o produz, qual a ideologia nele

presente, implícita ou explicitamente, de que prática social aquele texto faz parte e quais as relações de poder existentes nele.

A escolha do discurso objeto de estudo neste trabalho se deu exatamente por se tratar de um texto atual altamente argumentativo, que critica fortemente o presidente da mais importante instituição democrática do País.

Os artifícios utilizados pelo produtor do discurso para produzir um convencimento no leitor/ouvinte estão longe de serem evidentes em uma primeira leitura.

À medida que nos aprofundamos na sua análise, observamos dois momentos distintos. O primeiro, em que o produtor cria um diálogo com Cesare Lombroso, médico italiano falecido em 1909, precursor da Antropologia Criminal. Lombroso interessa-se em saber quem é Severino Cavalcanti. Nessa parte do discurso há uma forte presença da polifonia/intertextualidade, bem como inúmeras metáforas. No segundo momento, quando cessa o diálogo, o produtor volta-se para os seus interlocutores no plenário do Senado Federal e expõe sua opinião sobre o então Presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, não lhe poupando adjetivos pejorativos (preconceituosos?), e, em seguida, deixa clara a sua posição favorável à cassação do mandato dos parlamentares beneficiados no esquema de corrupção.

A relevância da análise do discurso objeto deste trabalho revela-se sob três aspectos: teórico, social e pessoal.

Sabe-se hoje que tudo gira em torno do discurso. Este é um elemento das práticas sociais e contribui para a construção de identidades sociais e posições de sujeito; para a construção das relações sociais entre as pessoas; e para a

construção de sistemas de conhecimento e crença. A prática discursiva contribui não só para reproduzir a sociedade como é, mas também para transformá-la. (Fairclough, 2001, p. 91-92).

O estudo do discurso parlamentar em análise neste trabalho é relevante quanto ao aspecto teórico visto que, para se observarem as relações de poder e a forte ideologia e argumentação presentes no discurso, não se pode prescindir de várias teorias que detalharemos mais adiante.

Os textos não produzem somente resultados de natureza discursiva. No caso em estudo, o discurso político foi proferido diante de várias pessoas e foi transmitido a vários telespectadores por meio da TV Senado. Por sua abrangência e por seu caráter altamente argumentativo, é possível que ele tenha produzido resultados extradiscursivos como, por exemplo, a mudança na crença de algumas pessoas. Daí a sua relevância sob o aspecto social.

No aspecto pessoal, o estudo do texto em análise é relevante para que eu aumente minha consciência crítica sobre a linguagem, visto ser esta um importante instrumento de poder, de manipulação e de mudança.

Neste trabalho, investigarei como é construída a argumentação no discurso político em análise e identificarei como aparecem e são construídos os modos de funcionamento da ideologia.

A fim de compreender os aspectos expressivos e comunicativos do discurso e, assim, aprofundar a sua interpretação, investigarei e analisarei os recursos argumentativos e lingüísticos utilizados, em especial a intertextualidade. Pretendo, também, verificar se as estratégias empregadas revelam algum preconceito do enunciador.

Dessa forma, espero ampliar a percepção do leitor/ouvinte quanto aos mecanismos empregados no discurso político para convencimento do leitor/ouvinte sobre determinado ponto de vista e, ainda, quanto ao que pode estar nas entrelinhas de um texto.

Este trabalho foi dividido em cinco capítulos. O Capítulo 1 trata dos pressupostos teóricos. O Capítulo 2, da metodologia. O Capítulo 3, da Análise de Discurso Crítica, que foi dividida em dois tópicos: análise da conjuntura e análise do discurso. Por se tratar de tema extremamente relevante para a análise do discurso em estudo, a intertextualidade e os aspectos teóricos a ela referentes foram destacados do Capítulo 1 e colocados em capítulo à parte, Capítulo 4. E o Capítulo 5 aborda a análise das funções identitária, relacional e ideacional e a prática de que o discurso é um momento.

A íntegra do discurso em análise consta do Anexo I.

DESENVOLVIMENTO

Capítulo 1 - Pressupostos teóricos

Os fundamentos teóricos desta pesquisa são: a concepção dialógica da linguagem e a língua como fenômeno social de Bakhtin (1929-1930); a Teoria Social do Discurso e a Análise do Discurso Crítica formuladas por Norman Fairclough (2001) e por Chouliaraki & Fairclough (1999); a teoria sobre ideologia de J.B. Thompson (1995); e os estudos sobre argumentação de I. Koch (2004).

De Bakhtin utilizarei como base para a realização deste estudo o conceito de dialogismo, o qual, pela sua relevância, será abordado em capítulo à parte, que tratará da intertextualidade.

Assim como nos referimos a Bakhtin, quando falamos no caráter coletivo e dialético da linguagem, não podemos deixar de estudar a Teoria Social do Discurso formulada por Fairclough (2001), que, com o intuito de investigar a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural, concebe o discurso num quadro tridimensional: o discurso como texto, o discurso como prática discursiva e o discurso como prática social. Essa concepção procura reunir três tradições analíticas.

A produção de discurso é uma atividade em que figuram, simultaneamente, questões de forma e questões de significado de um texto, sendo este ambivalente e aberto a várias interpretações. Fairclough reúne sete itens em um quadro para análise textual: vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual, força dos enunciados, coerência dos textos e intertextualidade

dos textos, os quais envolvem aspectos formais do texto e são usados na análise da prática discursiva. (Fairclough, 1992-2001, p. 103-104)

Quanto à prática discursiva, ela compreende os processos de produção, distribuição e consumo de textos. A produção se dá de forma particular em contextos sociais específicos e o consumo se dá em contextos sociais diversos, o que pode ensejar interpretações variadas. Já a distribuição pode ser simples ou complexa. (**Idem, ibidem**, p. 107-108) O discurso político objeto deste trabalho está inserido nessa última classificação, visto que sua distribuição não está restrita apenas ao domínio do Senado Federal. O pronunciamento é transmitido pela TV Senado, fica registrado nos Anais da casa, bem como disponível pela Internet para consulta dos cidadãos.

O discurso como prática social desempenha um papel nas relações sociais, construindo identidades, interferindo na forma de agir sobre o mundo e na forma de construir o mundo. Ele constrói a realidade, o conhecimento, e é capaz de modificá-los. Tal concepção do discurso como constitutivo da identidade é ponto central da Análise de Discurso Crítica/ADC.

Na perspectiva da modernidade tardia, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21) consideram que a vida social é feita de práticas, as quais envolvem configurações de diversos elementos da vida e, portanto, diversos mecanismos. O discurso é apenas um dos elementos dessas práticas. Uma prática particular reúne elementos diferentes da vida em formas, locais e relações específicos – tipos particulares de atividade ligados de modo particular a materiais particulares e a situações no tempo e no espaço; pessoas com experiências, conhecimentos e disposições particulares e relações sociais particulares; recursos semióticos

particulares e modos de uso da linguagem. Quando todos esses elementos são unidos em uma prática específica, podemos chamá-los de “momentos” daquela prática. Os estudiosos acima identificam quatro momentos principais de uma prática social: atividade material; relações sociais e processos (relações sociais, poder, instituições); fenômenos mentais (crenças, valores e desejos); e discurso. E, ainda, propõem uma análise das práticas levando em consideração a dialética entre esses momentos. O discurso é visto como parte de uma atividade e de uma construção reflexiva da prática. (**Idem, ibidem**, p. 61) Toda prática tem um aspecto discursivo em maior ou menor grau e, da mesma forma, um maior ou menor grau de reflexividade. Esta pode contribuir para sustentar relações de dominação e funcionar ideologicamente. (**Idem, ibidem**, p.26)

O conceito de ideologia é fundamental para a Teoria Social do Discurso e a Análise do Discurso Crítica. Fairclough aponta o discurso como prática política e ideológica e o situa em relação à ideologia e ao poder. Nas práticas discursivas há ideologias embutidas que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (Fairclough, 2001; p.117)

Thompson distingue dois tipos gerais de concepção de ideologia: concepções neutras de ideologia e concepções críticas de ideologia. As primeiras tentam caracterizar fenômenos como ideologia, sem implicar que esses fenômenos sejam, necessariamente, enganadores e ilusórios, ou ligados a interesses de algum grupo específico. Conforme essa concepção, ideologia é, em princípio, acessível a qualquer pessoa que tenha os recursos e habilidades de adquiri-la e empregá-la. Já as concepções críticas de ideologia possuem um

sentido negativo, crítico ou pejorativo e implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia é enganador, ilusório ou parcial. (Thompson, 1995, p. 72-3)

A análise da ideologia proposta por Thompson interessa-se nas maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder e como é construído o sentido no mundo social para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder e sustentar relações de dominação. (**Idem, ibidem**, p. 75-6)

Para desenvolver sua reformulação de ideologia, ele destaca três aspectos: noção de sentido, o conceito de dominação e as maneiras como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação. O sentido aí estudado é o das formas simbólicas (ações, falas, imagens e textos produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos) que estão inseridas em contextos e processos socialmente estruturados, nos quais existem diferenças na distribuição e no acesso a recursos de vários tipos. Isso faz com que as pessoas, de acordo com a localização social delas, tenham mais ou menos poder (socialmente e institucionalmente) para tomar decisões, atingir seus objetivos e interesses. Quando há relações “sistematicamente assimétricas” estabelecidas, há dominação. (**Idem, ibidem**, p. 79-80)

Somente observando a interação entre sentido e poder nas situações concretas da vida social é que saberemos como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação.

Para esse estudo, Thompson distingue cinco modos gerais de operação da ideologia – legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação.

(**Ibidem**) Entre eles, destaca-se a *fragmentação*, que será útil na análise das estratégias de construção simbólica presentes no discurso objeto deste estudo.

Segundo Thompson, relações de dominação podem ser mantidas por meio da fragmentação, segmentando os indivíduos e grupos que possam se transformar num desafio real aos grupos dominantes. Uma das estratégias da fragmentação chama-se *diferenciação*, por meio da qual se dá ênfase às diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de construir um desafio efetivo às relações existentes ou um participante efetivo no exercício do poder. A outra estratégia chama-se o *expurgo do outro*; faz com que um alvo seja projetado como mau, perigoso e ameaçador e constrói um inimigo contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo. (**Idem, ibidem**, p.86) (grifo do autor)

Outro pressuposto teórico desta pesquisa são os estudos da argumentação. Koch afirma que, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade -, o homem tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que este compartilhe das suas opiniões. Assim, não existe discurso neutro, pois a todo discurso subjaz uma ideologia, e o ato de argumentar - de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões - constitui ato lingüístico fundamental indispensável na interação social. (Koch, 2004, p.17) A autora destaca as marcas lingüísticas da argumentação e as analisa sob dois aspectos, conforme o seguinte sumário:

1. Recursos argumentativos presentes no nível lingüístico fundamental (constitutivos do sentido) – retórica integrada:

1.1 Tempos verbais – mundo comentado e mundo narrado

1.2 Advérbios e expressões atitudinais

1.3 Índices de avaliação

1.4 Indicadores ilocucionários

1.5 Indicadores modais (de modalidade): verbos, advérbio, expressões, torneios sintáticos, etc.

1.6 Pressuposições

1.7 Operadores argumentativos

1.8 Índices de polifonia

2. **Recursos retóricos ou estilísticos de segundo nível – retórica aplicada** (“acrescentada”), decorrentes da aplicação de leis do discurso ou de outros tipos de mecanismos que operam em diferentes níveis de significação:

2.1 Ironia e metalogismos em geral

2.2 Seleção lexical: oposições, jogos de palavras, metáforas, reiteraões, etc.

2.3 Inter-relacionamento de campos lexicais

2.4 Argumentos de autoridade (raciocínio de autoridade)

2.5 Questões retóricas

2.6 Exclamações retóricas

2.7 Comparações

2.8 Uso retórico da pressuposição

2.9 Apresentação das explicitações ou argumentos que se pretende ressaltar ou sobre os quais se deseja chamar a atenção, sob forma de termos ou orações intercaladas ou acessórias do ponto de vista gramatical

2.10 Paralelismo sintático e rítmico (similicadência)

(**Idem, ibidem**, p. 164) (grifo do autor)

Essas categorias analíticas também subsidiarão a análise do *corpus* deste trabalho.

Capítulo 2 – Metodologia

Constitui-se *corpus* deste trabalho discurso político proferido no Senado Federal em 30 de agosto de 2005, pelo Senador Demóstenes Torres, do Partido da Frente Liberal / GO (Anexo I).

Para a realização desta análise, será utilizado o arcabouço para a Análise de Discurso Crítica proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999). A seguir, serão apresentados os itens que serão desenvolvidos na pesquisa.

1- Um problema (atividade, reflexividade).

O problema pode dizer respeito a atividades da vida social ou à construção reflexiva da prática social. (Leal, 2005, p.79)

2- Obstáculos a serem enfrentados:

a – Análise da conjuntura.

Esta análise objetiva ter uma visão do quadro da prática social em que o discurso se localiza. Analisam-se o número e o tipo de práticas que a conjuntura une, bem como o tempo, o espaço, os processos de produção e consumo. (**Idem**, **ibidem**, p.80)

b – Análise da prática de que o discurso é um momento.

Aqui é analisada a prática social da qual o discurso é um momento e a relação dialética entre o discurso e outros momentos da prática social. (**Idem**, **ibidem**, p.89)

c – Análise do discurso.

Esta é feita quanto à estrutura – investiga a que gêneros, discursos e vozes o discurso recorre, bem como de que ordens de discurso estes são – e quanto à interação – investiga os elementos lingüísticos e outros elementos semióticos do texto. (**Idem, ibidem**, p.81)

3 – Reflexão sobre a análise.

Momento em que se faz uma reflexão sobre a análise realizada, suas condições e limitações. (**Idem, ibidem**, p.90)

Também se pretende esmiuçar a análise do discurso destacando a intertextualidade e as marcas lingüísticas da argumentação, conforme Koch (2004).

Capítulo 3 – Análise de Discurso Crítica

Neste capítulo, destacam-se apenas os itens mais relevantes do arcabouço proposto por Chouliaraki e Fairclough. Optou-se reservar a reflexão sobre a análise do discurso para a conclusão deste trabalho.

Também se faz necessário esclarecer que, no discurso objeto desta pesquisa, não se constata um problema, e, sim, questões que se deseja investigar: como foi construído o discurso que, de maneira tão pesada, desqualifica Severino Cavalcanti, qual o papel do diálogo com Cesare Lombroso nessa desqualificação e qual o papel do trecho do poema Morte e Vida Severina citado no discurso.

3.1 – Análise da conjuntura

O discurso objeto desta análise foi proferido em 30 de agosto de 2005 pelo Senador Demóstenes Torres, em resposta à declaração do então Presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, que, em meio à grande crise política e ética provocada por alguns membros daquela casa denunciados por envolvimento em corrupção – fato exaustivamente veiculado pela mídia -, defendeu pena mais branda, alternativa à cassação de mandato, para deputados que comprovassem o uso de recursos do esquema do publicitário Marcos Valério de Souza no pagamento de dívidas de campanhas eleitorais, mesmo aqueles vindos comprovadamente de caixa dois.

Tal declaração provocou perplexidade na sociedade, pois não foi condizente com o que se espera de um presidente de uma casa legislativa: que assegure a apuração dos fatos e defenda a cassação dos que comprovadamente

se beneficiaram no esquema, tendo como princípio maior a defesa do interesse público.

Foi no contexto acima mencionado que se deu a produção do discurso, e a sua distribuição estendeu-se além do Senado Federal, pois o pronunciamento foi transmitido pela TV Senado e ficou registrado nos Anais da casa, bem como disponível pela Internet para consulta dos cidadãos.

3.2 – Análise do discurso

O discurso examinado se situa na ordem de discurso político, possui uma forte orientação argumentativa, típica do gênero da persuasão. Para a desqualificação de Severino Cavalcanti e a defesa da pena de cassação aos envolvidos no esquema de corrupção, foram apresentados inúmeros recursos argumentativos e retóricos, os quais serão abordados a seguir.

3.2.1 – Recursos argumentativos para desqualificar Severino Cavalcanti

No discurso em análise, observam-se, num primeiro momento, vários elementos utilizados para caracterizar negativamente Severino Cavalcanti, alvo principal do enunciador. Num segundo momento, o enunciador conclui sua argumentação favorável à cassação de todos os parlamentares beneficiados pelo “mensalão”.

Para a caracterização de Severino, o enunciador utilizou o recurso da intertextualidade, criando um diálogo imaginário, em que recorreu a inúmeros índices de avaliação, os quais se manifestaram por meio do léxico, do inter-

relacionamento de campos lexicais e dos operadores argumentativos. Também é importante ressaltar a presença da ironia na construção dos sentidos.

No discurso, far-se-á a análise dos recursos argumentativos presentes no nível lingüístico fundamental – retórica integrada – e dos recursos retóricos ou estilísticos de segundo nível – retórica aplicada -, conforme categorias analíticas de Koch já apresentadas no Capítulo 1, que trata dos pressupostos teóricos, sem, entretanto, utilizar a mesma divisão. Com o intuito de facilitar a compreensão deste trabalho, o estudo da intertextualidade será apresentado em capítulo à parte.

Os exemplos referentes ao discurso em análise serão enumerados e as linhas a que eles correspondem estarão representadas pela letra L seguida do número.

Ao longo do discurso, será examinado o léxico utilizado para caracterizar Severino sob os aspectos intelectual, emocional, físico – este será apreciado na análise da intertextualidade - e quanto ao caráter.

3.2.1.1 – Índices avaliativos

3.2.1.1.a – Léxico e orações de julgamento

No que diz respeito ao aspecto intelectual, o enunciador se utiliza dos índices de avaliação por meio do léxico e por meio de orações em que expressa julgamento para apontar o então Presidente da Câmara dos Deputados como pessoa de baixo nível intelectual. Emprega os substantivos “bronco” (L.98) e “parvo” (L.8), bem como as seguintes orações em que expressa julgamento:

(1) “[...] estabeleceu séria **concorrência** com o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, **na hegemonia da necessidade.**” (L.4) (grifo nosso.)

(2) “[...] quando o Deputado Severino Cavalcanti ascendeu à Presidência da Câmara dos Deputados, a sociedade brasileira tinha consciência de que lhe **faltava estatura** para ter assento à cadeira que foi ocupada por brasileiros da mais alta qualidade política [...]” (L.52) – este exemplo diz respeito também ao caráter de Severino. (grifo nosso.)

Quanto ao aspecto emocional, há a tríplice adjetivação:

(3) “Severino chegou **folclórico, saliente e fagueiro.**” (L4) (grifo nosso.)

Aqui também há desqualificação de Severino, pois a palavra “folclórico” pode sugerir ao leitor/ouvinte a idéia de uma figura caricata, pouco séria e, conseqüentemente, de pouca credibilidade.

Para definir o caráter desonesto e venal de Severino, o enunciador utiliza alguns substantivos, seguidos ou não de expressões preposicionadas, e adjetivos. Entre eles destacam-se:

(4) “-- Um **emissário das glórias mundanas e dos sacrilégios explícitos.**” (L13) – Substantivo seguido de expressão preposicionada. (grifo nosso.)

(5) “[...] Sobre a personalidade de Severino, Lombroso destacou o **‘caráter impulsivo, o cinismo, a vaidade e falta de senso moral’.**” (L46) – Substantivo seguido de adjetivo, somente substantivo, e substantivo seguido de expressão preposicionada. (grifo nosso.)

(6) “[...] Tampouco, o PFL vai titubear em impor restrição robusta ao acordão imundo que está sendo preparado pelo **abafador-mor**, Severino Cavalcanti. (L85) (grifo nosso.)

Necessário também se faz destacar, nos exemplos seguintes, palavras cuja formação contribui para a expressividade do discurso:

(7) “Mas tal universo devasso parecia ínfimo às pretensões **severinas**.” (L61) (grifo nosso.)

(8) “De qualquer forma, prescrevo o poeta João Cabral de Mello Neto, que, em Morte e Vida Severina, poderá ser consolador a todos os envolvidos com o mensalão, depois que fracassarem as tratativas espúrias da última **severinagem**.” (L102) (grifo nosso.)

No exemplo 7, houve a derivação imprópria com o emprego de um substantivo – nome próprio Severino – como adjetivo, recurso pouco comum, mas de impacto.

Já no exemplo 8, há derivação sufixal, dessa vez formando um substantivo abstrato, também depreciativo, caracterizando as práticas antiéticas de Severino Cavalcanti.

O enunciador utiliza, também, orações em que expressa julgamento sobre o caráter de Severino Cavalcanti:

(9) “-- Rigorosamente, pratica a exegese das vantagens indevidas. Se for para o próprio bem, Severino aceita até troco de padaria.” (L19) – Verbos transitivos diretos seguidos de objeto direto.

(10) “-- Pertence à ordem dos fisiologistas, um baixíssimo clero que o elevou ao panteão da Câmara dos Deputados.” (L22)

(11) “Era mais do que sabido que, por total falta de escrúpulos, o Presidente da Câmara não se encarregaria sequer de polir o mal.” (L57)

(12) “Mas tal universo devasso parecia ínfimo às pretensões severinas. Afinal, não apresentava nada de novo ao cotidiano de um parlamentar cevado nos vantajosos pormenores da atividade legislativa.” (L61)

Objetivando melhor destacar os recursos argumentativos presentes no nível lingüístico fundamental, para definir as características de Severino Cavalcanti, elaborou-se o seguinte quadro com os índices de avaliação presentes no discurso:

| Adjetivos | Substantivos seguidos ou não de expressões preposicionadas | Advérbios | Orações em que se expressa julgamento |
|---|--|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> - Folclórico - Saliente - Fagueiro - Destemido - Naturalista - Impulsivo | <ul style="list-style-type: none"> - Bronco - Parvo - Sublula - Cinismo - Vaidade - Abafador-mor - emissário das glórias mundanas e dos sacrilégios explícitos - fauno da chalaça legislativa - engano em si mesmo - falta de senso moral - por total falta de escrúpulos | <p>-Rigorosamente, pratica a exegese das vantagens indevidas. (grifo nosso)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Lhe faltava estatura - estabeleceu séria concorrência com o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na hegemonia da necedade - tal universo devasso parecia ínfimo às pretensões severinas - pratica a exegese das vantagens indevidas - Se for para o próprio bem, Severino aceita até troco de padaria - Pertence à ordem dos fisiologistas, um baixíssimo clero |

Após análise dos dados acima colhidos, conclui-se que Severino Cavalcanti é apontado pelo enunciador do discurso como mau-caráter, corrupto e sem escrúpulos.

Nota-se também, nos exemplos destacados, forte presença do sentido conotativo das palavras, o qual será abordado mais adiante quando da análise do inter-relacionamento de campos lexicais.

3.2.1.1.b – Modalizadores e operadores argumentativos.

Ainda observando os recursos argumentativos presentes no nível lingüístico fundamental, são constitutivos do sentido os modalizadores epistêmicos e deôntico e os operadores argumentativos.

Entre os modalizadores, destacam-se os seguintes:

(13) “-- **Rigorosamente**, pratica a exegese das vantagens indevidas.” (L19) (grifo nosso) - modalizador epistêmico;

(14) “**Era mais do que sabido** que, por total falta de escrúpulos, o Presidente da Câmara não se encarregaria sequer de polir o mal.” (L57) (grifo nosso) - modalizador epistêmico;

(15) “**Não há que se questionar** o caminho da cassação do mandato de todos os parlamentares beneficiados com as indulgências da dupla Delúbio e Valério.” (L88) (grifo nosso) – modalizador epistêmico e deôntico.

Os exemplos 13 e 14 reforçam os argumentos da tese sustentada pelo enunciador de que a Severino faltam as qualificações mínimas para ocupar a presidência da Câmara dos Deputados. E o exemplo 15 é utilizado na conclusão dos argumentos e revela a certeza e a imperatividade de se punir com cassação os parlamentares envolvidos em corrupção.

Merecem destaque os seguintes operadores argumentativos, que são responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados que introduzem e têm um efeito de provocação, de convocação à concordância (Koch, 2004, p.131):

(16) “**Mesmo assim**, respondi.” (L18) (grifo nosso)

Esse operador revela ser desnecessária a pergunta feita por Cesare Lombroso, visto ser óbvia a resposta diante da tese positivista formulada pelo médico psicanalista.

(17) “Era mais do que sabido que, por total falta de escrúpulos, o Presidente da Câmara não se encarregaria **sequer** de polir o mal.” (L57) (= nem mesmo) (grifo nosso)

Esse operador, usado em oração negativa, enfatiza que nem o mínimo que se poderia exigir/esperar de um presidente da Câmara dos Deputados, que deveria coibir ou, na pior das hipóteses, polir (disfarçar) o mal, seria feito.

(18) “Mas tal universo devasso parecia ínfimo às pretensões severinas. **Afinal**, não apresentava nada de novo ao cotidiano de um parlamentar cevado nos vantajosos pormenores da atividade legislativa.” (L61) (grifo nosso)

O operador “afinal” justifica a oração anterior e introduz mais uma oração que desqualifica Severino.

3.2.1.1.c – Inter-relacionamento de campos lexicais

Nota-se, ao longo do discurso, um forte inter-relacionamento de campos lexicais. Para este estudo, faz-se necessário elaborar o quadro a seguir, no qual se observam claramente sete campos lexicais:

- a) campo da vida primitiva (na natureza);
- b) campo religioso (da igreja);
- c) campo biológico/fisiológico;
- d) campo comercial;
- e) campo político;
- f) campo criminal/penal;
- g) campo médico.

CAMPOS LEXICAIS

| VIDA PRIMITIVA NO CAMPO (A) | RELIGIOSO/IGREJA (B) | BIOLÓGICO/ FISIOLOGICO (C) | COMERCIAL (D) |
|--|---|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> - Parvo naturalista - pode deixar rápido o banhado - parlamentar cevado - nos impulsos tranqüilizadores do Presidente da Câmara dos Deputados moram instintos de autopreservação - gesto de sobrevivência - fauno | <ul style="list-style-type: none"> - Emissário das glórias mundanas e dos sacrilégios explícitos - Seria portador de uma filosofia? Por acaso professa doutrina ou esposa ideário... - A que clero pertence? - Pertence à ordem dos fisiologistas, um baixíssimo clero que o elevou ao panteão da Câmara dos Deputados. - universo devasso - mensagem alentadora que a predição do oráculo do baixo clero - finalidade de salvar o mandato - indulgências - seja menos ato de comiseração cristã | <ul style="list-style-type: none"> - Protuberância occipital, órbitas grandes, testa fugidia e nariz torcido - traços corporais - degeneração explícita da atividade pública - sangramento do interesse público - banda podre - corrói as vísceras - anomalias e estigmas de origens atávica ou degenerativa - cabeça, ventre, pernas, sangue | <ul style="list-style-type: none"> - concorrência - Severino aceita até troco de padaria - patrimonialismo, do toma-lá-dá-cá, do balcão ignominioso, do nepotismo e do mensalão - deu o garante - manter toda a classe política refém - base adquirida pelo mensalão - acordão - saques - recibo - tratativas |
| <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 5px;"> VERTICALIDADE (A1) </div> <ul style="list-style-type: none"> - areal - e trazer para a vala comum todos os homens públicos - caídos - trágico pelo abismo - náufrago - banhado | | | |

(grifo nosso)

| POLÍTICO (E) | CRIMINAL/PENAL (F) | MÉDICO (G) |
|---|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> - Presidente da República - exercício da palavra - mandatário - gabinete - Câmara dos Deputados - chalaça legislativa - tertius - Governo - poder - promessa - Deputados - ordem política do País - instituições - plenário - Presidência da Câmara dos Deputados - assento à cadeira - estaria em pauta - atividade pública - atividade legislativa - mandato - homens públicos - Palácio do Planalto - classe política - governadoria do PT - Governo Lula - base - Senador, Senado - interesse público - cassação - bancada - baixo clero (nome correntemente utilizado para distinguir grupo de menor prestígio na Câmara dos Deputados.) | <ul style="list-style-type: none"> - Delinqüente - vantagens indevidas - sistema penal brasileiro - espertezas - preso ele não será - falta de senso moral - falta de escrúpulos - desídia, malversação. - homem da lei - Crime - Organização quadrilha - lavagem de dinheiro - Corrupção - evidências materiais - depoimentos testemunhais - delação espontânea - conjunto probatório - rito - ampla defesa - Tratativas espúrias | <ul style="list-style-type: none"> - médico - psicanalista - cientista - prescrevo |

(grifo nosso)

Em virtude da natureza do discurso, o campo lexical político permeia todo o texto.

Quando do diálogo estabelecido entre o enunciador e Lombroso, há inter-relacionamento do campo lexical religioso (B), comercial (D) e da vida primitiva no campo (A) para caracterizar Severino como parlamentar desonesto, corrupto, venal, que age em benefício próprio e contrariamente aos princípios do Congresso:

(19) “-- Um emissário das glórias mundanas e dos sacrilégios explícitos.”
(L13)

(20) “Se for para o próprio bem, Severino aceita até troco de padaria.”
(L19)

(21) “-- Pertence à ordem dos fisiologistas, um baixíssimo clero que o elevou ao panteão da Câmara dos Deputados. Severino é um fauno da chalaça legislativa.” (L22)

Mais adiante, há inter-relacionamento do campo lexical político (E) com o biológico/fisiológico (C) e o comercial (D) ou criminal/penal (F):

(22) “Na ordem do dia, estaria em pauta **degeneração** explícita da atividade pública por intermédio do fisiologismo, do patrimonialismo, do toma-lá-dá-cá, do balcão ignominioso, do nepotismo e do mensalão.” (L59) (grifo nosso) – Campos E, C e D.

(23) “Sou um homem da lei, não posso tergiversar com o crime, com a organização quadrilheira, com as malas voadoras de real, com o dólar na cueca, com a lavagem de dinheiro, com as operações do PT em paraíso fiscal, com o mensalão, com o **sangramento** do interesse público, enfim.” (L81) (grifo nosso) – Campos F, C e E.

Quando se fazem esses inter-relacionamentos lexicais, constroem-se metáforas que possuem grande valor argumentativo. Entre elas, destaca-se a presente no exemplo 22. “Degeneração”, termo que normalmente remete-nos a idéia de algo fisiológico, que diz respeito a ser vivo, no exemplo significa a decadência da atividade pública que, em vez de atender aos interesses públicos, age contra eles e torna-se, para aqueles que a exercem, instrumento de barganha, de comércio e de satisfação dos próprios interesses.

Também contribui para a expressividade e dramaticidade do discurso a metáfora presente no exemplo 23, oriunda do inter-relacionamento da palavra “sangramento” com “interesse público”. “Sangramento”, que é algo inerentemente fisiológico, aqui é usado em sentido conotativo para representar o resultado de todas as práticas ilícitas mencionadas anteriormente, as quais usurpam, direta ou indiretamente, o Erário e os contribuintes brasileiros, ferem e sangram os interesses do povo, que têm seus bolsos lesados e, muitas vezes, suas vidas, pois é sabido o caos em que se encontram os serviços públicos de saúde, as escolas públicas e as estradas brasileiras.

Para enfatizar sua posição, o enunciador, conforme exemplo a seguir, defende a cassação do mandato dos parlamentares beneficiados no esquema de corrupção inter-relacionando principalmente os campos lexicais político (E) e criminal/penal (F).

(24) “Não há que se questionar o caminho da cassação do mandato de todos os parlamentares beneficiados com as indulgências da dupla Delúbio e Valério. As evidências materiais dos saques atestam a prática da corrupção com recibo. A força dos depoimentos testemunhais, inclusive com a delação espontânea dos principais atores do escândalo, completa um conjunto probatório

irrefutável. Basta seguir o rito formal do procedimento de cassação, assegurar, naturalmente, a ampla defesa e, por fim, defenestrar o que puder ser alcançado da banda podre de cada bancada.” (L88)

Nota-se que, na maior parte desse exemplo, o enunciador optou por utilizar palavras em seu sentido denotativo, fugindo disso somente nas duas últimas linhas. A prevalência do sentido denotativo confere ao trecho uma maior objetividade e transmite ao leitor/ouvinte a idéia de que há provas irrefutáveis dos crimes cometidos e de que a punição dos envolvidos é consequência lógica e indiscutível.

O enunciador finaliza sua argumentação voltando-se novamente a Severino Cavalcanti, inter-relacionando o campo lexical da vida primitiva (A), o campo religioso (B) e o campo biológico/fisiológico (C), conforme demonstra o exemplo a seguir:

(25) “Tenho a mais densa suspeita de que nos impulsos tranquilizadores do Presidente da Câmara dos Deputados moram **instintos de autopreservação**. O Deputado Severino Cavalcanti sempre fez a vez do bronco destemido, mas há algum sério **temor que lhe corrói as vísceras**. Talvez a referência aos caídos seja menos ato de **comiseração cristã** e mais relevante **gesto de sobrevivência**, fundada na certeza de que seria tragado pelo abismo.” (L95) (grifo nosso)

3.2.1.1.d – Metáforas - simbologia

Outro recurso relevante para a expressividade do discurso é a simbologia que alguns termos utilizados pelo enunciador contêm, os quais são associados às metáforas “acima” e “abaixo”. No quadro campos lexicais, no campo A1, denominado “verticalidade”, destacam-se algumas associações que o enunciador

faz ao criar metáforas de sentido negativo. Do discurso extraíram-se os seguintes exemplos:

(26) “-- Severino é um sublula, e a sua sorte está atrelada ao principal. Capaz das maiores espertezas, não deve aceitar o abraço de **náufrago** e pode deixar rápido o **banhado**.” (L39) (grifo nosso)

(27) “O Presidente da Câmara dos Deputados lidera o tal acordão com a finalidade de salvar o mandato de delinqüentes políticos e trazer para a **vala** comum todos os homens públicos.” (L71) (grifo nosso)

(28) “Talvez a referência aos **caídos** seja menos ato de comiseração cristã e mais relevante gesto de sobrevivência, fundada na certeza de que seria tragado pelo **abismo**.” (L99) (grifo nosso)

Nota-se que as palavras grifadas simbolizam um direcionamento para baixo. A dicotomia existente entre acima – abaixo pertence, segundo Lurker (1997, p.2), às experiências humanas mais elementares e exercem uma eficácia simbólica. Neles manifesta-se a polaridade do ser. Em cima fica o reino dos deuses (muitas vezes simbolizados por aves), embaixo residem os demônios e os poderes inimigos dos deuses (simbolizados por répteis).

Também Biedermann, no seu dicionário de símbolos, enunciou o seguinte:

A região superior do *céu* e dos astros, de onde vêm a *luz* e a *chuva* fecundadora, é conseqüentemente atribuída às “potências superiores”, aos deuses ou a Deus e aos *anjos*, enquanto a Terra permanece na esfera da humanidade mortal, sob a qual se encontra – o que implica uma polaridade acima/abaixo ainda mais radical – o reino do *inferno*. (Biedermann, 1994, p.12) (grifo do autor)

A esfera superior representa, na maioria das vezes, o espírito, e a inferior, a matéria [...] (*Idem, ibidem*)

Conclui-se, então, que os termos grifados nos exemplos acima, pela simbologia que possuem, coadunam com o sentido negativo que o enunciador dá

a essas metáforas e contribuem para enfatizar a orientação argumentativa por ele sustentada, de que aos envolvidos em atos ilícitos ou criminosos – ações mundanas que o homem, por sua natureza falível e por fraqueza de espírito, está sujeito a cometer – é reservado um destino: a perda do mandato ou a “morte política”, simbolizados pelos termos grifados, que indicam um plano inferior, lugar para onde se destinam os poderes inimigos, os quais devem ficar caídos, enterrados ou submersos.

3.2.1.2 - Ironia

Antes de se apontarem trechos do discurso em que há o uso do recurso retórico da ironia, necessário se faz ressaltar a dificuldade de colocá-la em texto escrito. Quando não existe o caráter hiperbólico do enunciado, explicitação de uma entonação (“diz ele ironicamente”), aspas, ponto de exclamação ou reticências, tem-se que confiar no contexto para recuperar elementos contraditórios. (Maingueneau, 1997, p.99).

Trata-se de um fenômeno sutil, passível de análises divergentes, pois é um *gesto* dirigido a um destinatário, não uma atividade lúdica, desinteressada. (**Idem, ibidem**, grifo do autor.)

Segundo Fairclough (2001, p.159), a ironia depende de os intérpretes serem capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto. Esse reconhecimento pode ser baseado nos fatores acima descritos ou, ainda, em pressupostos dos intérpretes sobre as crenças ou os valores do produtor do texto.

No discurso em análise, esse recurso retórico está presente em vários momentos, dos quais destaco os seguintes exemplos:

(29) “A princípio, estabeleceu séria concorrência com o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na hegemonia da necedade.” (L4)

(30) “Hoje está confirmado que não foi a promessa de sinecuras **miúdas**, como o aumento de salário para deputados, que consagrou Severino, mas a certeza de que na regência da Câmara estava assegurado o **augustíssimo** mensalão.” (L32) (grifo nosso)

No exemplo 29, há ironia do enunciador ao dizer que há disputa entre Severino Cavalcanti e Lula pela supremacia da ignorância. No exemplo 30, o aumento de salário para deputados jamais seria uma benesse “miúda”, pois, além de eles ganharem muito bem e de terem inúmeras regalias, qualquer aumento salarial para parlamentares representa um gasto ainda mais elevado de dinheiro público, recurso escasso num país com tanta miséria e desigualdade social. Também é irônico o termo “augustíssimo”, pois tal palavra quer dizer “venerável, respeitável,” o que fica claro não ser o pensamento do enunciador, que demonstrou, ao longo do discurso, condenar o “mensalão” e aqueles que o recebem.

Capítulo 4 - Intertextualidade e ideologia

4.1 - Aspectos teóricos da intertextualidade e da hegemonia

Antes de se proceder à análise da intertextualidade presente no discurso objeto deste estudo, faz-se necessário apresentar alguns fundamentos teóricos.

Foi tema constante dos trabalhos de Bakhtin a concepção dialógica do discurso e a análise “translingüística” de textos. Em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, sustenta que o ser humano é um ser social; não existe isoladamente, e sim em sociedade. Daí haver um caráter coletivo e social na produção de idéias e textos. Nossas experiências de vida estão atreladas às experiências do outro, assim como os nossos discursos estão sempre impregnados das palavras do outro. A substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, que se dá por toda comunicação verbal - seja um diálogo no sentido estrito, seja um ato de fala impresso - e a comunicação verbal, para ser compreendida, não pode estar dissociada da situação concreta, tampouco da comunicação em evolução contínua. (Bakhtin, 1988, p.123-124.)

Para Bakhtin, todos os enunciados são orientados retrospectivamente para enunciados de falantes anteriores e prospectivamente para enunciados antecipados de falantes seguintes. Assim, cada enunciado é um elo na cadeia de comunicação e é inerentemente intertextual. (Fairclough, 2001, p. 134.)

Kristeva, ao apresentar o trabalho de Bakhtin, no final dos anos 60, foi quem criou o termo “intertextualidade”. Ela observa a inserção da história (sociedade) em um texto e deste texto na história, ponto relevante para o estudo

da Teoria Social do Discurso formulada por Fairclough, que enfoca o discurso na mudança social. (**Idem, ibidem**, p.133-134)

Para Kristeva, o texto absorve e é construído de textos do passado, bem como os responde, reacentua e retrabalha, ajudando a fazer história, contribuindo para processos de mudanças mais amplos, antecipando e tentando moldar textos subseqüentes. (**Idem, ibidem**, p. 135)

Para a análise do discurso objeto deste estudo, não será utilizada a concepção ampla de intertextualidade, visto ser esta uma característica inerente a qualquer enunciado, conforme já mencionado. Utilizar-se-á a concepção preconizada por Koch, que distingue a intertextualidade entre implícita e explícita, (Koch, 2004, p.146), e a preconizada por Fairclough, que chama esta última de intertextualidade manifesta e a discute em relação à representação do discurso, porquanto, ao se relatar um discurso, há a escolha de representá-lo de um modo em vez de outro. Tal representação pode ser bastante significativa e, ainda, ultrapassar o ideacional ou o conteúdo da ‘mensagem’, para incluir aspectos do estilo e do contexto dos enunciados representados. (Fairclough, 1992, p.152)

Há que se ressaltar também a relação dinâmica entre as ‘vozes’ do discurso representado e representador. Quando a representação é direta, há um limite entre essas vozes, pois se reproduzem as palavras exatas usadas no discurso representado. Já na representação indireta, essas vozes muitas vezes se confundem, o que dificulta saber quais palavras originais foram ou não reproduzidas. (**Idem, ibidem**, p.153-154)

Relevante também é a escolha do verbo representador, que marca a força ilocucionária do discurso representado e contribui para a imposição de uma determinada interpretação do discurso representado. (**Idem, ibidem**, p.155)

A historicidade e a intertextualidade dos textos podem reestruturar as convenções existentes para gerar novos textos, embora as mudanças sejam limitadas socialmente e restringidas conforme as relações de poder. Surge, então, a necessidade de se combinar a teoria da intertextualidade com a teoria da hegemonia, a fim de se verem as possibilidades e os limites para os processos intertextuais, bem como conceituá-los, dentro de hegemonias particulares e estados de luta hegemônica. (**Idem, ibidem**, p.135)

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco constante de luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios. (**Idem, ibidem**, p.122)

As relações sociais assimétricas existentes podem ser reforçadas ou transformadas por meio da reprodução ou transformação das ordens de discurso resultantes da luta hegemônica, da qual a prática discursiva, a produção e o consumo (interpretação) de textos constituem um aspecto. (**Idem, ibidem**, p.123)

Fairclough sugere que as práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder e aponta, entre os aspectos do texto

que podem conter ideologia, os sentidos das palavras e outros aspectos semânticos como as pressuposições, as metáforas e a coerência. (Idem, p.121)

4.2 - Análise da intertextualidade e da ideologia no discurso

No discurso em análise, a intertextualidade é extremamente relevante para a construção dos sentidos. Ela é explícita em dois momentos. No primeiro, que tem início a partir da L11, o enunciador chama ao diálogo Cesare Lombroso, médico italiano falecido em 1909, precursor da Antropologia Criminal e autor da obra *O Homem Delinqüente*.

Lombroso, com base no método positivista, dedicou sua vida ao estudo do homem criminoso. Na investigação de suas causas, fazia a história natural do criminoso, de cuja natureza este é dependente, e admitia a existência de uma verdadeira predisposição que levaria o indivíduo ao crime, em situações especiais. No exame da pessoa viva do criminoso, indicou estigmas anatômicos e fisiognomônicos e submeteu o delinqüente a uma análise minuciosa, abrangendo todos os caracteres somáticos, patológicos e psíquicos. (Aragão, 1977, p.50) Segundo Aragão, as idéias de Lombroso, em sua fase inicial, continham exageros, mas o próprio estudioso as corrigiu, e ainda hoje é incontestável que um dos fatores precípuos da criminalidade é a constituição orgânica e psíquica do malfeitor, cuja individualidade física e moral, mais do que o crime, deve constituir o objeto principal da ciência criminológica. (**Idem, ibidem**, p. 51) O crime, para a Escola Antropológica, é o resultado da ação combinada de fatores biológicos, físicos e sociais.

O Senador Demóstenes Torres criou um diálogo com Cesare Lombroso como recurso para, paulatinamente, desqualificar Severino Cavalcanti – e

ênfatizar essa desqualificação - do ponto de vista físico, emocional e moral. Nesse diálogo “virtual” ou imaginário, utilizou-se da representação direta do discurso, o que proporcionou a este uma maior dinâmica na apresentação das diversas avaliações de cunho negativo/pejorativo empregadas para caracterizar o então Presidente da Câmara dos Deputados como pessoa venal, desonesta, inescrupulosa e indecorosa. Essas avaliações estão presentes nos exemplos 4, 9, 10, 21, 26 e 30 apresentados anteriormente.

Nota-se que nos exemplos 21 e 26, o enunciador acrescentou ainda às desqualificações termos de conotação animalesca, como se verifica em **banhado**, lugar onde vivem animais, e “**fauno** da chalaça legislativa”. (grifo nosso)

O autor do discurso, ao citar Cesare Lombroso, fez questão de apresentá-lo como o cientista positivista para quem “o delinqüente nato possui uma rica gama de anomalias e estigmas de origem atávica ou degenerativa”. (L16) Mais adiante, pediu ao cientista confirmação de algumas características fisiológicas e comportamentais de Severino, de quem foram assinalados os seguintes traços corporais:

(31) “[...] ‘Protuberância occipital, órbitas grandes, testa fugidia e nariz torcido’ [...]” (L45);

e os seguintes traços de personalidade:

(32) “[...] o ‘caráter impulsivo, o cinismo, a vaidade e falta de senso moral’ [...]” (L47)

É indiscutível o impacto que causa ao leitor/ouvinte a relação dos traços físicos de Severino apontada por Lombroso no diálogo criado pelo enunciador. São atribuídas a Cesare Lombroso palavras que na realidade este não

pronunciou, mas que guardam semelhança com a descrição do tipo físico do homem delinqüente feita pelo cientista em sua obra. O enunciador, ao escolher apontar traços físicos de Severino, mesmo que na voz de outro (e, principalmente, na voz de Lombroso), não o fez despropositadamente. Obteve sucesso se o objetivo foi chamar a atenção do leitor/ouvinte para as características físicas de Severino, contudo, assumiu o risco de ser reputada preconceituosa a forma como o fez, pois, além de aproximar Severino do tipo físico do delinqüente, é certo que características físicas são indubitavelmente hereditárias, o que pode revelar preconceito em relação à origem de Severino, que é nordestino, nascido no Estado de Pernambuco, região em que há muita pobreza, miséria, desnutrição, analfabetismo etc.

Com esteio na concepção crítica de ideologia proposta por Thompson, nota-se, ao longo do discurso analisado, a operação da ideologia por meio da fragmentação. Na história recente do País, observou-se, na Câmara dos Deputados, a segmentação dos parlamentares em dois grupos, os quais receberam a seguinte denominação: alto clero, composto por deputados articulados, que têm prestígio, voz e poder; e baixo clero - termo pejorativo -, composto por parlamentares sem expressão ou projeção, com limitado poder político. Tais denominações têm sido largamente utilizadas naquela Casa e na mídia.

O enunciador do discurso corrobora essa fragmentação. Não só inclui Severino no rol dos deputados do baixo clero – o qual tem sido ameaçador do poder do alto clero, principalmente após eleição surpreendente desse parlamentar para a Presidência da Câmara dos Deputados -, como também o coloca como

representante nº 1 dessa categoria inferior. Expurga-o como inimigo por meio dos recursos avaliativos degradantes a ele imputados, criticando-o por ter baixo nível intelectual, por não ter postura e por defender em público o fisiologismo.

A ideologia presente na Câmara dos Deputados é reflexo da ideologia presente na sociedade brasileira. Da mesma forma que na sociedade brasileira há uma elite dominante - que detém informação, possui interlocução e poder de decisão, e discrimina os mais humildes, aqueles que têm menos instrução, menos informação e pouca voz -, na Câmara dos Deputados há o chamado alto clero, composto por uma elite de parlamentares, os quais possuem tradição política, são articulados, têm trânsito naquela casa, voz e poder de decisão. Essa elite, por sua vez, também discrimina os parlamentares do chamado baixo clero, que, normalmente, têm uma atuação mais apagada, não brilham na oratória, são menos instruídos, pouco articulados e detêm quase nenhum poder de decisão.

O segundo momento em que há intertextualidade explícita é quando o enunciador prescreve o poeta João Cabral de Mello Neto e cita trecho de sua obra *Morte e Vida Severina*. Embora esse poema retrate a vida do retirante do sertão pernambucano, utilizando o nome próprio Severino para representar toda a miséria, sofrimento e dor dos nordestinos retirantes, o trecho selecionado pelo autor do discurso, que diz respeito às características físicas do nordestino decorrentes da sua precariedade de vida, pelo contexto em que aparece e pela introdução que o precede, possui sentido desvirtuado do original; perde a qualidade de denúncia do funcionamento da ideologia no Brasil em relação aos nordestinos, os quais sofrem preconceito e são, muitas vezes, considerados cidadãos de segunda categoria, quando, na realidade, suas condições são fruto

da fragmentação dos pobres do Brasil. Em decorrência desse desvirtuamento de sentido, torna-se difícil a interpretação do papel da referida citação.

Ao ser apresentado como “[...] consolador a todos os envolvidos com o mensalão, depois que fracassarem as tratativas espúrias da última severinagem:” (L103) - termo criado pelo enunciador por meio de derivação sufixal, que forma um substantivo abstrato, depreciativo, que caracteriza o conjunto das práticas desonestas e aéticas de Severino citadas anteriormente no discurso -, tem-se como interpretação possível do seguinte trecho:

(33) “Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta”. (L106)

a) São vários os parlamentares que possuem as mesmas práticas de Severino Cavalcanti.

b) Pode servir de consolo a um parlamentar envolvido com o “mensalão” o fato de que, ao haver punição, ele não será o único a ser punido e não estará sozinho. Terão o mesmo destino todos os envolvidos.

c) São muitos os parlamentares iguais ao Severino deputado, que não possuem qualidade política, são inconsistentes moral e intelectualmente para exercer o mandato.

Capítulo 5 - Análise das funções identitária, relacional e ideacional e da prática de que o discurso é um momento

Análise das funções identitária, relacional e ideacional

Como o discurso contribui para a construção de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem (Fairclough, 2001, p.91), neste momento, parte-se para a análise dos três aspectos dos seus efeitos construtivos, que são as funções identitária, relacional e ideacional identificadas no discurso em análise.

No que diz respeito à função identitária, nota-se ao longo do discurso a construção, principalmente, de duas identidades: a de Severino Cavalcanti e a dos parlamentares da Câmara dos Deputados, os quais se dividem em dois grupos.

Por meio dos inúmeros índices avaliativos negativos e pejorativos – adjetivos, substantivos seguidos ou não de expressões preposicionadas e operadores argumentativos – e da intertextualidade presentes no discurso, os quais já foram destacados e explicados ao longo deste trabalho, o enunciador desqualificou intelectual e moralmente Severino Cavalcanti, que foi identificado como uma pessoa desonesta, sem escrúpulos, venal e ignorante.

Quanto à identidade dos parlamentares da Câmara dos Deputados, o enunciador reforça a divisão interna existente naquela casa entre alto clero – composto por um grupo de deputados de qualidade e tradição política, que tem voz e poder de decisão – e baixo clero, este composto por uma classe “inferior” de parlamentares sem prestígio, sem expressão, sem qualidade política, que são pouco articulados e têm pouco poder.

A função relacional se manifesta no discurso em análise quando o enunciador apela para a cassação do mandato de todos os parlamentares beneficiados no esquema de corrupção.

E, por fim, a função ideacional está presente quando o enunciador descreve toda a realidade de corrupção existente dentro da Câmara dos Deputados, que tem, entre seus membros, parlamentares que maculam a imagem não só daquela casa, mas de todos os homens públicos.

Análise da prática de que o discurso é um momento. A Análise de Discurso Crítica na perspectiva da modernidade tardia considera que a vida social é feita de práticas que envolvem diversos elementos. O discurso em análise decorre de uma prática social existente no nosso Parlamento, a qual é essencialmente verbal. Nas duas casas do Congresso Nacional, faz parte da prática social o pronunciamento de opiniões de parlamentares, que se constitui de elementos específicos que variam no tempo e no espaço, de acordo com as pessoas, experiências vividas, conhecimentos adquiridos etc. Daí a importância da palavra, cujo sentido depende da articulação entre os momentos principais dessa prática.

O discurso em análise proferido por Demóstenes Torres constitui-se em um dos momentos da prática social no Senado Federal e articula-se com outros momentos. Estão em funcionamento as relações sociais e processos existentes não só no âmbito daquela casa, mas na sociedade brasileira como um todo. Manifestam-se relações de poder em que o enunciador desqualifica de todas as formas possíveis Severino Cavalcanti, utilizando-se da fragmentação como forma de operar a ideologia a fim de expurgar este parlamentar.

Também aqui ficam evidentes os fenômenos mentais (crenças, valores e desejos) que constituem mais um dos momentos dessa prática social. O enunciador tem uma crença formada a respeito do parlamentar alvo de suas críticas, definindo-o como pessoa sem escrúpulos, ignorante e corrupta. Toda a argumentação do enunciador visa ao convencimento ou adoção do leitor/ouvinte dessa crença, bem como ao engajamento deste na manutenção dos valores defendidos pelo enunciador, que deseja a cassação de todos os parlamentares envolvidos em corrupção.

CONCLUSÃO

Após minuciosa análise do discurso objeto deste trabalho, constatou-se que a argumentação foi construída pelo enunciador com o objetivo de desqualificar o então Presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti. Entre os recursos argumentativos e retóricos utilizados, desempenharam papel preponderante os índices avaliativos negativos e pejorativos, os quais se manifestaram por meio do léxico, das orações de julgamento, dos modalizadores, dos operadores argumentativos, do inter-relacionamento de campos lexicais, da ironia e da intertextualidade.

Embora todos esses recursos tenham sido indispensáveis para a expressividade do discurso, mereceu destaque a intertextualidade, explícita em dois momentos: no diálogo criado pelo enunciador, em que este conversa com Cesare Lombroso, pai da Antropologia Criminal; e na prescrição feita por Demóstenes Torres do poeta João Cabral de Mello Neto, na qual cita trecho do poema Morte e Vida Severina.

No diálogo criado, a intertextualidade deu uma dinâmica maior ao discurso na promoção da desqualificação moral e intelectual de Severino Cavalcanti. Entretanto, ao serem apontados traços físicos de Severino Cavalcanti que guardam semelhança com a descrição do tipo físico do homem delinqüente feita por Cesare Lombroso em sua obra, o enunciador desviou a atenção do leitor/ouvinte para as características físicas de Severino Cavalcanti, atitude que pode ser interpretada como preconceituosa, uma vez que este parlamentar é oriundo de região pobre do Nordeste brasileiro. Não parece prudente afirmar categoricamente que o enunciador foi preconceituoso; todavia, sua escolha em

apontar traços físicos de Severino Cavalcanti relacionando-os com os do homem delinqüente, combinada com índices avaliativos fortemente pejorativos, entre os quais há alguns de conotação animalesca, revela indício de preconceito.

Já, ao prescrever aos envolvidos com o “mensalão” o poeta João Cabral de Mello Neto, citando trecho de *Morte e Vida Severina*, o enunciador descontextualizou o caráter de denúncia do poema, o que afastou a possibilidade de uma interpretação que pudesse igualar Severino Cavalcanti ao Severino retirante e vice-versa. No caso, podem ser inferidas as interpretações já mencionadas no Capítulo 4: a) na Câmara dos Deputados, as práticas antiéticas e desonestas de Severino Cavalcanti são adotadas por vários parlamentares; b) fracassando as tentativas de Severino Cavalcanti de proteger os parlamentares envolvidos com o “mensalão”, poderá ser consolador a estes o fato de que estão juntos na mesma situação e deverão sofrer a mesma punição; e c) são muitos os parlamentares iguais ao Severino deputado, que não possuem qualificação moral, intelectual e política para exercer o mandato representando efetivamente o povo e defendendo o interesse público.

Todos os recursos acima utilizados para desqualificar Severino Cavalcanti corroboram o modo de funcionamento da ideologia presente no discurso, a qual opera por meio da fragmentação da Câmara dos Deputados em dois grupos, os chamados alto clero e baixo clero, no qual o enunciador situa Severino Cavalcanti.

Concluiu-se que a ideologia presente na Câmara dos Deputados espelha a ideologia existente na sociedade brasileira. Em ambas há uma elite dominante – detentora de poder, articulada, informada e privilegiada -, que fragmenta, expurga

e discrimina aqueles que detêm pouco poder, pouca informação, pouca voz e nenhum prestígio.

Ficam claros, ao longo do discurso, os inúmeros mecanismos utilizados no discurso político para convencimento do leitor sobre o ponto de vista do enunciador.

Subjacentes a esses mecanismos estão as crenças e os valores que se pretende manter ou mudar e as identidades que se pretende constituir, desconstituir ou reforçar. Quando o produtor ou o consumidor de um texto tem consciência da existência desses mecanismos lingüísticos e ideológicos, ele aumenta a visão crítica em relação ao que é dito não só explicitamente em um discurso, mas principalmente ao que está em suas entrelinhas. Essa percepção lhe dá um maior poder para operar mudança no discurso e, por meio desta, promover mudança social.

Bibliografia

- ABREU, A. S. **A Arte de Argumentar. Gerenciando Razão e Emoção.** 8ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- ARAGÃO, A. M. S. **As três escolas penais: clássica, antropológica e crítica. (Estudo comparativo)** 8ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1977.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988. (Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira)
- BIEDERMANN, H. **Dicionário ilustrado de símbolos com mais de 700 ilustrações.** São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis.** Edinburg: Edinburg University Press, 1999.
- CRUZ, T. C. S.; LINS, T. B. de A. **Normas para elaboração de monografias.** Brasília: UniCEUB, ICPD, 2005.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 3ª ed. Nova Fronteira, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. (Tradução de I. Magalhães. Discourse and social change. 1992)
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **Introdução à Lingüística Textual.** Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEAL, M. C. D. O discurso jornalístico sobre privatizações e protestos nas ruas. **D.E.L.T.A.**, nº 21: Especial, p. 73-92, 2005.
- _____. Identidade, reflexividade e resistência. **Crop**, nº 9, p. 249-278, 2003.
- LOMBROSO, C. **O homem delinqüente.** Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2001. (Tradução, atualização, notas e comentários. Tomasini, M. B. e Garcia, O. A. C.)
- LURKER, M. **Dicionário de Simbologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAGALHÃES, I. Introdução: a análise do discurso crítica. **D.E.L.T.A.**, nº 21: Especial, p. 1-9, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MARTINS, N. S. **Introdução à estilística**. 3ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MEDEIROS, J. B. **Manual de redação e revisão**. São Paulo: Atlas, 1995.

NETO, J. C. de M. **Morte e Vida Severina**. Auto de Natal pernambucano. Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/joaocabraldemelonetoo.htm>

PEDRO, E. R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, E. (Org.) **Análise do discurso crítica**. Lisboa: Caminho Editorial, 1997.

PERELMAN, C. **Tratado da argumentação: A Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Tradução de M. E. Galvão. *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique*. 1992.)

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. 6ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 7ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 1982.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-graduação do Instituto de Psicologia da PURCS: C. Grisci, J. Bernardes, M. Muller, R. Nora, P. V. Maya, sob a responsabilidade do Prof. P. A. Guareschi. *Ideology and modern culture: critical social theory in the era of mass communication*. 1990.)

ANEXO I

O SR. DEMÓSTENES TORRES (PFL - GO. Para uma comunicação inadiável.) - Srª Presidente, Srªs Senadoras, Srs. Senadores, "há filósofos que são, em resumo, tenores desempregados" - Machado de Assis.

Severino chegou folclórico, saliente e fagueiro. A princípio, estabeleceu séria concorrência com o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na hegemonia da necedade. No exercício da palavra, o primeiro mandatário lançava mão da platitude em tempo real, enquanto Severino representava o parvo naturalista. Foi quando um indignado Cesare Lombroso, médico e autor de O Homem Delinqüente, acorreu ao meu gabinete para colóquio informal. Travamos breve diálogo, que passo a reproduzir.

-- Quem é esse Severino? - indagou o psicanalista, com certa impaciência.

-- Um emissário das glórias mundanas e dos sacrilégios explícitos.

-- Seria portador de uma filosofia? Por acaso professa doutrina ou esposa ideário qualquer? - estranhamente investigou o cientista italiano, pai da Escola Positiva, justamente para quem "o delinqüente nato possui uma rica gama de anomalias e estigmas de origens atávica ou degenerativa".

Mesmo assim, respondi:

-- Rigorosamente, pratica a exegese das vantagens indevidas. Se for para o próprio bem, Severino aceita até troco de padaria.

-- A que clero pertence?

-- Pertence à ordem dos fisiologistas, um baixíssimo clero que o elevou ao panteão da Câmara dos Deputados. Severino é um fauno da chalaça legislativa. Um engano em si mesmo.

25 -- Então, Severino sabia do Mensalão? - perguntou um indiscreto
26 Lombroso.

27 -- O Deputado Jose Janene tem a resposta - limitei-me a dizer o que li
28 nos jornais.

29 -- Mas como vetusta Casa assimilou tal estupidez crassa?

30 Ao que respondi de chofre:

31 -- Antes se imaginava que Severino era um tertius que deu certo, por
32 conta da falta de habilidade de um Governo cego de ambição pelo poder. Hoje
33 está confirmado que não foi a promessa de sinecuras miúdas, como o aumento
34 de salário para deputados, que consagrou Severino, mas a certeza de que na
35 regência da Câmara estava assegurado o augustíssimo mensalão.

36 -- Severino tem algum futuro? - indagou por fim Lombroso, desconfiado
37 da leniência do sistema penal brasileiro e da trôpega ordem política do País.

38 Fui obrigado a ser lacônico para preservar as instituições:

39 -- Severino é um sublula, e a sua sorte está atrelada ao principal.
40 Capaz das maiores espertezas, não deve aceitar o abraço de naufrago e pode
41 deixar rápido o banhado. Preso ele não será, posso assegurar.

42 Depois de prestar as respostas requisitadas, pedi ao grande cientista
43 do século XIX que me confirmasse algumas características fisiológicas e
44 comportamentais de Severino. Cesare Lombroso, com toda cautela e sem
45 fazer juízo de valor, assinalou: "Protuberância occipital, órbitas grandes, testa
46 fugidia e nariz torcido" foram alguns traços corporais apontados. Sobre a
47 personalidade de Severino, Lombroso destacou o "caráter impulsivo, o cinismo,
48 a vaidade e falta de senso moral", muito embora tenha destacado que seria

49 necessário observação empírica para traçar o real perfil de Severino, estudo,
50 aliás, que o cientista apressou em revelar que começaria imediatamente. E
51 assim seguiu para o plenário da Câmara dos Deputados.

52 Sr^{as} e Srs. Senadores, quando o Deputado Severino Cavalcanti
53 ascendeu à Presidência da Câmara dos Deputados, a sociedade brasileira
54 tinha consciência de que lhe faltava estatura para ter assento à cadeira que foi
55 ocupada por brasileiros da mais alta qualidade política, a exemplo de Nereu
56 Ramos, Pedro Aleixo, Marco Maciel, Ulysses Guimarães, Luiz Eduardo
57 Magalhães e Aécio Neves. Era mais do que sabido que, por total falta de
58 escrúpulos, o Presidente da Câmara não se encarregaria sequer de polir o mal.
59 Na ordem do dia, estaria em pauta degeneração explícita da atividade pública
60 por intermédio do fisiologismo, do patrimonialismo, do toma-lá-dá-cá, do balcão
61 ignominioso, do nepotismo e do mensalão. Mas tal universo devasso parecia
62 ínfimo às pretensões severinas. Afinal, não apresentava nada de novo ao
63 cotidiano de um parlamentar cevado nos vantajosos pormenores da atividade
64 legislativa. A Severino - imaginou o Presidente Severino Cavalcanti - estava
65 reservada uma predestinação. Foi quando, do alto da Câmara dos Deputados,
66 veio a mensagem alentadora que a predição do oráculo do baixo clero iria se
67 confirmar. Severino, então, inopinadamente, pediu a palavra e, em entrevista
68 ao jornal Folha de S.Paulo, deu o garante de que estava estendida a mão que
69 tiraria os deputados acusados de receber o mensalão do areal do encoberto e
70 da cassação inevitável.

71 O Presidente da Câmara dos Deputados lidera o tal acordão com a
72 finalidade de salvar o mandato de delinquentes políticos e trazer para a vala

73 comum todos os homens públicos. Ao preservar os envolvidos, o Presidente
74 Severino Cavalcanti imagina galgar interlocução superior com o Palácio do
75 Planalto, manter toda a classe política refém da sua boa-vontade e ainda
76 ampliar os domínios da combalida governadoria do PT. Esta não é a primeira
77 oportunidade de manifestar a operação abafa que vem sendo arquitetada entre
78 o Governo Lula e a base adquirida pelo mensalão.

79 Não é demais, contudo, ressaltar que não vou comprometer o meu
80 mandato de Senador com roupa mal-lavada. Não vim para o Senado para
81 homologar a desídia e me omitir diante da malversação. Sou um homem da lei,
82 não posso tergiversar com o crime, com a organização quadrilheira, com as
83 malas voadoras de real, com o dólar na cueca, com a lavagem de dinheiro,
84 com as operações do PT em paraíso fiscal, com o mensalão, com o
85 sangramento do interesse público, enfim. Tampouco, o PFL vai titubear em
86 impor restrição robusta ao acordão imundo que está sendo preparado pelo
87 abafador-mor, Severino Cavalcanti.

88 Não há que se questionar o caminho da cassação do mandato de todos
89 os parlamentares beneficiados com as indulgências da dupla Delúbio e Valério.
90 As evidências materiais dos saques atestam a prática da corrupção com recibo.
91 A força dos depoimentos testemunhais, inclusive com a delação espontânea
92 dos principais atores do escândalo, completa um conjunto probatório
93 irrefutável. Basta seguir o rito formal do procedimento de cassação, assegurar,
94 naturalmente, a ampla defesa e, por fim, defenestrar o que puder ser alcançado
95 da banda podre de cada bancada. Tenho a mais densa suspeita de que nos
96 impulsos tranquilizadores do Presidente da Câmara dos Deputados moram

97 instintos de autopreservação. O Deputado Severino Cavalcanti sempre fez a
98 vez do bronco destemido, mas há algum sério temor que lhe corrói as vísceras.
99 Talvez a referência aos caídos seja menos ato de comiseração cristã e mais
100 relevante gesto de sobrevivência, fundada na certeza de que seria tragado pelo
101 abismo.

102 De qualquer forma, prescrevo o poeta João Cabral de Mello Neto, que,
103 em Morte e Vida Severina, poderá ser consolador a todos os envolvidos com o
104 mensalão, depois que fracassarem as tratativas espúrias da última
105 severinagem:

106 “Somos muitos Severinos
107 iguais em tudo na vida
108 na mesma cabeça grande
109 que a custo é que se equilibra
110 no mesmo ventre crescido
111 sobre as mesmas pernas finas
112 e iguais também porque o sangue
113 que usamos tem pouca tinta”.
114 Muito obrigado.